

ALBUM

Do *Diário Literário* "Frei Miguelinho"

DIRECTOR
J. Gohardo Netto

SECRETARIO
Americo Lopes

GERENTE
Hildebrando Barros

Anno I - Natal, 28 de Junho de 1902. - Num 2

PROSPECTO

O *Album* será publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a 1\$000 por trimestre, pagos adeantadamente.

Redacção e Officinas:

Rua «Volantaria da Patria» n.1

ALBUM

O Luctador do "Pax"

A superioridade verdadeira que distingue o homem das creaturas inertes ou passivas que o cercam, e o poder libertar-se á vontade dessas manifestações fataes da servidão universal que se chamam leis da natureza. O homem se quizer pode não envelhecer, não pode o mesmo o cão.

OCTAVIO FEUILLET

Nunca é tarde de mais para se falar dos genios, menos dos martyres e muito menos dos genios-martyres.

Um elogio cabe em todas as occasiões desde que o motivo é admiravel pelo que é bello e grande.

Nada mais bello do que um triumpho, nada maior do que um holocausto.

Quando após o triumpho segue-se a exaltação, então, o bello e o grande se confundem e temos o sublimo.

E são os que estão neste caso que eu chamo-os de genios-martyres.

Realmente é sublimo ser victima do saber, ser um genio martyr.

Pois bem, impressionada pelo que é bello, justo e magnanimo, vem minha alma, perante o sacrosanto altar da eterna patria, render este modesto porém insero proffo de homenagem á memoria do genio-martyr brazileiro Augusto Severo de Albuquerque Maranhão.

O homem depois do formado pela natureza e depois de raciocinar sobre a sua brusca origem em um nielo povoado de mais exoticas paragens, comprehendendo que tudo quanto se estendia por baixo de seus pés seria completamente seu e só elle o unico competente para dominar tudo e tudo vencer.

Da peitara a intelligencia aos impe-

tos da vontade.

A natureza, ainda extasiada perante a sublimidade da sua obra, nada de previa; não cogitou que creara um monstro de heterogeneos orgãos e protos de destruição, e a cada passo ventheanas feições capaz de collocar o cida pela vontade e genio do homem. Ossa sobre o Pellon e observar de mais perto os trabalhos de suas mysteriosas officinas.

Então, começou o homem a roubar de seu fecundo seio as proprias armas e m que um dia rebellar-se-ia contra a sua benevoa progenitora.

Com os metacos que roubára e com os utilissimos recursos de sua já orientada intelligencia construiu uma colossal trompa de enorme embocadura onde poderiam assoprar todas as gerações do futuro.

Preparou-o para avizar que ia começar a lucta prodigiosa e eterna, já sonhada por elle no momento ingrato em que rebentára em si a luz da intelligencia: Com um esforço herculeo levou-a aos labios e qual Triton do derno throu d'ella um som tão dosado e forte que resouu da caverna em caverna, de montanha em montanha, como se fosse o estourar de um peíolo e lorruro de um morráo.

E, ciosa curiosa, esse brado espantoso, esse rugir de fera engaiolada que fez despertar do extasis em que estava a natureza, que abalou-a sensivelmente, não foi mais do que esta simples palavra:—Progresso.

E ella, a natureza ao ouvir esta palavra echoar em suas serras, tremou...

Quem poderia pronunciar tal palavra em seu imperio, se ninguem á entendia?

Progresso! quem ousava dizer, se para ella era um grito de alarma uma punhalada, alfin? Nada mais simples:

Da reunião dos dous factores, intelligencia e vontade só poderia resultar este producto: Progresso.

E após este grito a lucta, lucta cyclopica que ainda hoje perdura encarnizada e terrivel entre as forças brutas da natureza e o engenho do homem, lucta em que ella acabará por se curvar á soberana vontade do homem.

Acabo a natureza todos os meios affixadores empregados até hoje; lance mão alla de mil ostragemas novos, que a fome, os microbios e, afinal, todas as condições vitaes impostas, já não são sufficientes para atrophial-o. Isto lho é, pelo contrario, util; é mais um modo d'ello se aperfeiçoar.

E eis de que se compõe o passado da humanidade, atravez milhares de

transformações e combinações organicas, eis o que constitue tanto fecundas e a sublimidade da sua obra, nada de previa; não cogitou que creara um monstro de heterogeneos orgãos e protos de destruição, e a cada passo ventheanas feições capaz de collocar o cida pela vontade e genio do homem.

A Historia, laconica de mais, para se poder concatenar e avaliar, conta todo o seu cortejo de negras pelipicias, as mais brilhantes conquistas do engenho humano, permittem-nos, com todo o cuidado, embora muito superficialmente, as mais importantes e as mais recentes.

E' assim que transportando-nos á verdadeira epocha de florescencia intellectual, mesclada de ligeiros laivos de antiguidade oriental, vemos o homem bradar com um heroísmo léllico ás forças rigidas e assanhadas da natureza:

«Que este immenso e nunca sulcado dezerto móvel, este mar que ruga aos meus pés, seja trilhado de hoje em diante, pela charrua do Progresso e rompam-se os diques que empream as suas aguas; que os montes se rasguem e que os bosques se afiastem; que o pensamento se escreva, que as ideias se propaguem e que as nações se entendam.»

E o que fez a natureza!

Branho, fulminou os mais arroçados e inexperientes mas afinal cedeu.

A navegação surgiu, romperam-se os istmos, a locomotiva silvou, a electricidade surgiu e a Imprensa «tocou a alvorada dos povos annunciando em voz alta o reino do direito.»

O homem depois de ter revolido d'esde a superficie do globo as suas camadas inferas, depois de ter conquistado tudo quanto seus olhos alcançavam e suas mãos tocavam, ergue a cabeça, talvez para exclamar que venceu o mundo, quando foi vivamente impressionado pelo vôo de um passaro ácima, muito acima de si.

—Ah! eu não sou rei ainda de toda a criação, exclamou, ingenuo que eu sou... e este azul que me cerca e que não posso alcançar, e estas aves e estas nuvens e este sol á rir-se de meus esforços e de minhas victorias?!... E' preciso ser senhor supremo de tudo isto, é preciso violar este espaço; quero que as aves reconheçam a minha superioridade, quero ser a aguia dos Andes, o condór altivo de Chimboraso.

E a natureza como prevendo ser isso um golpe decisivo na sua pen-

dente derróta, um ultimo passo para o triumpho, chumbou-lhe antecipadamente as plútas ao sólo.

Foi a isto que Newton deu depois o nome de ut ração universal. Porém o homem não está va deante de t l di-thea: de, ja e nstitalra a sua vanta-de e a natureza tender-se-ha.

E foi obedecendo a esta imperiosa vel. força que o em enho do homem pe-sonificado em Bartholomeu de Gus-tão não jogou em pleno espaço, à apa-ryer as ave, à as ombiar a natura, o seu *Passarla* de luz, machina in-finita como erera o tempo.

E quando o *Voador* baixou á glaci-el sidade de Lisboa, na esperança de fizes e de palmir fer a sua e roação de atalota genial, encontra um car (re por acclamações e um entre im-mundo por loator. Era que a natura-za não tivera a coragem e força bastan-te para por si mesma derrotar e-quele novo *Tipico*, fed-o por meio de instrument s, que ella, por uma sabia previsão do futuro, dera a re-munha do homens.

E esta conquista comprehendida há quasi dous seculos e este sonho que constitue a maior aberração do espiri-to humano é o que caracteriza a mo-derm-phase da vida humana. E o ho-mem alcançará o almejado termo, triumpho n'este novo ataque, quan-do milhares tem sido supplantados nas ruinas de seus proprios inventes?

A relencela e a historia nos auctori-za a afirmar que sim. A locomotiva, esse gigante flammivomo que «accorda o thie no certo», quantas immola-ções, quantos annos de desbrida lu-ctu não exigiu para ser o que é hoje!

Ao embiã o mechanic de Papin, quantos melhoramentos se lhe junta-ram para constituir hoje as mais po-derosas machinas de industria!

E porque não alcançará o homem a dignidade dos balões, a perfei-ção do *Passarola*, munido de duplo e triplicamentos fornecidos pelo evoluir dos seculos? Caus da Normandia, De Worcester o Severy, entregando-se ás pesquisas que ro a atar da paciencia de um detento: Papin, expondo as chufis dos sabios de Londres o seu *dige-tor* e morrendo de desgostos ao ver o fructo de seus esforços ridiculariza-dos; Watt, encerrando a vida em uma banca de estudo e enfim, Bouthon, Cougnot, Blenkhop e Blakett, esta phalange de mart. res o de sabios, es-molando para viver e vivendo para produzir, á procura de um meio rapi-do, industrial e garantido de locomo-ção terrestre, ha mais de dous seculos, o que fizeram?

A obra começada em 1615 o termi-nada em 1822 era um aleijão, um col-osso mutilado que constituiria uma maravilha para o seu seculo e que para o nosso seria motivo de uma gar-galhada. Stephenson, a quem devemo-a realiação de tão bella utopia, fe-choo cyclo das epopéas auxustas, regando ao futuro a locomotiva.

Por conseguinte, a navegação ae-rea não é uma couza fora do alcan-çe humano. E' um sonho elevadissi-mo, uma das mais imprudentes e uma das ultimas vont des ao homem, é um dos mais fortes ataques, que tem deixado o campo juncado de mil cada-veres, mais não uma couza irrealisa-vel.

O homem cumpria com a ultima pa-ta do seu programma.

A navegação aerea é um dos der-radeiros passos pa a a perfectibiliza-ção quando o homem tiver che ado até a-ii, que ará até Deus.

O *Passarla* e o *Par* são os extre-mos de uma progressão crescent-composta de uma infinidade de termos.

Quando os seculos passarem e a hi-storia resolver em seu fulgido sacario a couza aera, a ga geação do ho-je e quando os gaericelos do futuro, a geração que ha de vir, procurar en suas folhas de ouro as invenções do passado e os feitos dos grandes homem: a de se lhe fixar nos olhos es a su-tilme pagina de regeneração e os no-mes do Guemão e Severy abrirá u-arenthe: is n'esta sublime *Illada*, en-cerrando os mais extraordinarios i-contecimentos de uma extraordinari epoch .

So a transcendencia do thema sobre-cuja a temeridade do auctor, pr. p-granda é o seu patriotismo: se as ra-des expressões aqui exaradas não ter-tenuham impressões que justifiquen a sua temeridade, é por ue faltam-lhe os atav: mos da Arte e cultivo de es-pirito; e se, afinal, estas palavras do obscuro erente do Progresso, não con-stituem um goivo, uma saudade digna de ser depositada no tumulo do gra-ve morto, resta-lhe a consolação de poder afirmar com o poeta:

«A intenção do louvor também se a-ccceita».

PAULO DA SILVA

Meu Amor

Era de manhã.
Enquanto a briza do Levante com um sopro ameno e fresco, roçava de leve sobre o rendado da folhagem, sugando o crystallino orvalho que o se-reno da noite havia depositado em seu verdejante seio, eu com o pensamen-to activo, levantava-me do leito, ao som vibrante e harmonioso do can-to de um interessante venen, que pare-cia dizer: vem ver o teu amor.

Eu, arrebatado por aquelle doce e uavissimo cantico, marchava para o campo com os braços abertos, e abra-çava sorrindo o meu amor— o traba-lho.

Natal, 10-5-902.

CYRACO BENA

Impressio. listas
I
PAYSAGEM D' AFRICA

Rubro deserto. Em contorsões insanas,
Resvala o pó nos umbitos do Nada
E o sol inclina a fronte em angustia
No causticante incendio das savanas.

Sôpra o simoun na terra abandonada,
Berço antigo do genter mu-uhano;
Aqui, visões de exaustas caravanas
E ao longe, escombros de alvejante cr-
(rada.

Ao gemer da palmeira foluçante,
Vbam bandos dispersos de cegonhas
Atagando a bruma da ampliação di-tun-
(te...

E na pizuca mudez do céu profundo
A luz enrola as flammulas tritculhas
N'um delirio final de moribundo!

Claudio MARNE

ALBUM

A' Illustrada imprensa catalense,
OMES GRATOS pela gentileza
com que nos recebeu, e as palavras
de incentivo que nos dirigiu.

E' este juizo criterioso e remato
que nos anima a proseguir neste tra-
balho insano que encetamos. Portan-
to não podemos nos esquivar de a-
radecer publicamente tamanha deli-
dadeza que só poderia partir de uma
imprensa justiciera como é a do Rio
Granda do Norte.

Tambem testu.amos nossa gra-
dão a todos aquelles cavalheiros a-
quem mandamos o primeiro numero
a nossa filha e não o devolveram.

MINHA MUSA

A Odilon Garcia Filho.

Braca e sem côr, é filha da tristeza;
Como de um barco a vela é tão sensível
Ao sopro d'uma brisa á macieza,
Co ao ao tufão indomito e terrível.

Ella se verga e agita, chamma acceza,
Amortee, desmaia, inextinguível;
Sem siquer illumina! A' profundezza
Do abysmo desce e sobe ao inaccessible

Pobre vela de um barco tão mesquinho!
Foma toda a impressão-vigor, carinho-
!orem é sempre a mesma, ao mastro
(preza
Como preza é min'alma ao sentimento
Que foi sua ventura (hoje um tormento)
E em que concentra toda a natureza.
31—5—1902.

Ur ula GARCIA.

O cerebro, feminino é uma mola mo-
vida pela manivella do coração.
José de Alencar

NOITE DE S. JOÃO

O dia de hoje, do qual quanta lembrança
Ta a minha vida, e a tua, e a do Brasil
Dos mezes de infancia de creança
Que a vida não dá não de voltar!

Quantas vezes, nunca mal! por isso a
Quantas vezes, e a tua, e a do Brasil
Em volta de mim, e a tua, e a do Brasil
E vivo e vivo e vivo e vivo e vivo e vivo

E caido, e caido, e caido, e caido
De sonhos e de sonhos e de sonhos e de sonhos
E caido, e caido, e caido, e caido

Quantas vezes, quanta desses dias!
Como hoje de xthetas alegrias,
O legendaria noite de São João!

Anna Nogueira Baptista.

O Transvaal

Afinal, segundo dizem os jornaes,
fez a Inglaterra a paz com o Trans-
vaal.

Não valeu o heroico lutar de um po-
vo, o derramamento de tanto sangue, o
sacrificio de uma nação inteira, fa-
zendo prodigios que não se figurar co-
mo uma das primeiras latas da his-
toria da humanidade, tal nada valeu
ja que o Transvaal parece-se com a
mesma dependencia do outr'ora, ja que
um povo heroico reconhece a su-
jeição de uma nação forte que com
suas vistas penetrando nas plagas das
ambições tom-se arredado completa-
mente do direito.

Quando victoriosamente encetamos
uma luta em prol do mesmo ideal,
quando ainda applaudidos, sacrificamos
a propria vida, e a final não conse-
guimos o que almejavamos, não passa-
rão os applausos do fructo de um
sucesso inteiramente inutilizado. En-
tão deixam as victorias de ser tri-
umphos, deixam as glorias de ser re-
conhecidas e não glorias.

Mas o Transvaal não será collocado
neste ponto ja que suas glorias são re-
conhecidas como unica, ja que o su-
or de seus sacrificios servem de terror
a uma nação forte e conquistadora.

O Transvaal, poder dizer, lutou, e
exhausto de força, caiu heroica e
victoriosamente vencido.

Krúger, o velho republicano em quem
estava gravada a sympathia do mun-
do inteiro, e que se promettera
não reconhecer nação alguma, em-
quanto restasse o unico transvaali-
to que esmagados morreriam todos
satisfeitos e aquiescentes lutando pe-
lo direito da sua patria, vê hoje o seu
povo subjugar-se a Inglaterra, reco-
nhecendo seu soberano, perdendo o di-
reito de se considerar a nação in-
dependente senhora das riquezas que
possua.

Ja sabo-se que não foi do gosto do
velho estadista a paz proposta pela
Inglaterra, e aceita pelos chefes boers,

pelos chefes da guerra transvaalica
aqueles chefes de guerra que com suas
e pelas plantaram uma epopeia do
heroismo no sul do continente africano,
NÃO; NÃO; NÃO, nem pode ter sido do
gosto de Paul Krúger.

Mas para que servia tanto aloyan-
tamento, tanto esforço e coragem, pa-
ra que serviam tantas provas de
heroismo, se os mesmos heróis a-
queceram todas as suas tradições,
todos os seus principios, esqueceram
o real proprio heroismo?

Sih; os boers, um punho do do-
homens valerosos, miosos por sua
liberdade, e trazaram a patria, der-
ramaram a sua propria patria,
e magaram e lebaço do peso do
Imperio da Grã-Bretanha, e depois de
haverem jurado que o ultimo filho do
Transvaal morria empunhando a sua
heroica bandeira, acabam de jurar
fidelidade a sua patria nação que foi cas-
sadora de sua patria, a mesma nação
pela qual mostraram tanta grandza
d'alma, fazendo ver quanta preten-
são pode brotar do coração da huma-
nidade.

Mas, depois de tantos feitos immor-
taes, depois de tantas provas de her-
oico valor, acabam por mostrar
tambem a fraqueza da mesma huma-
nidade. Sim; todas as provas de co-
ragem, todas as provas de valentia
dos boers foram para uma recon-
hecida fraqueza.

Krúger não volta mais ao Trans-
vaal, porque não tem mais patria;
a Inglaterra, quasi que esgotada, é
senhora de um pedaco de terra no sul
do continente africano.

E o que resta?

A lembrança de um povo que, por
sua liberdade, abadou um mundo inteiro.

CYRIL TAVARES

Fallando ao Mar

(À MINHA QUERIDA MADRINHINHA)

Oh! mar! oh grande mar! que me separas
D'aquella á quem eu es te na affectua
são como nós, lizes e coração,
Chorarias de dor, o e recearas!

Mas, impavido, tu rages indomavel,
E nem oves sequer o me alevantas,
Deixarei de fallar-te. E, para o vent
Vollarei as minhas queixas: e amari

Elle ouvirá, mais complacente
Pis ando em suas fozes mansamente
Lhe dirá que por ella aqui, se pára.

Ella, então com sorriso e bemfazejo
Enviará por elle um leve beijo
Que, sofredamente, logo aspiro.

Assu-10-5-102.

A. M.

NOSSO NAIER

Que ó cantar contigo e os amores
Que me fazem viver de teu castelo,
Mas é preciso que por entre as portas
Eu vá fazer, querida, o meu trabalho.

Vicemos alli sob os f lores
De um novo sol e novo céu e arvore,
Dito os entredidos com os riuos es
Ate da voz do implante passa a voz.

E então que mundo gozaremos juntos,
Os honrosos passaro aviação
E nos avicando em marcos a sempre,

Eu não quero nem tanto outros dezijos,
A não ser e te de mar e arvore,
Tendo-te aos braços n'um fruir de beijos.

JOÃO SOARES

Vespera de S. Pedro

Quantas reminiscencias tenho d'esta
data! Ha um anno para do este dia
era para mim, tão alegre!

Sentia-me muito mais feliz, me-
lhor transbordava de esperanças, mi-
nha alma immersa em dozes illusões
previa um futuro feliz e venturoso.

Tudo illusões, tudo enimeras que ja
não existem!

Ao cair da noite quando a lua
com seus argenteos raios começou a
illuminar os tetos da cidade, impres-
tando ás frondosas arvores o aspecto
de enormes phantasmas de braços or-
gultidos como que implorando ao em-
perro, eu, a eja, sombria sentia-me
feliz e satisfeito porque tinha á meu
lado, aquella por quem vivia, a quem
havia dado todo meu affecto!

Mas tudo passou, não era mais que
simples illusão, o hoje, apesar de es-
tar na vespera de S. Pedro, da
tão genio d'aquella, nada tem de
parencia; a lua não illumina os tetos
da cidade nem as caplas das ar-
vores; não ouço as notas melodiosas
da orchestra nem vejo as riza-vellas
da quadrilha, em fim, tudo é solita-
rio e triste n'esta cidade, o solitario
o vazio sinto meu coração...

Tudo era chimera, tudo passou!

Natal, 28-6-902.

Paulo de TARSU

Bibliotheca

DO «FREI MIGUELINHO»

Ao nosso assiduo collaborador João
Soares, agradecemos a offerta de um
omnibus, com que quiz abrilhantar a
nossa Bibliotheca do nosso Grenio.

Seguiram hontem para o Recife os
ilustres moços academicos de Di-
o, Antonio Soares de Araujo e
Augusto B. de Medeiros. Agradecemos
as suas honrosas despedidas, des-
nos-lhes feliz viagem e optimos resul-
dos nos seus estudos juridicos.

Inglaterra

NUM ÁLBUM

(A' Senhorita C. O.)

As vezes quando contemplo
A tua alvibrada trança,
Meu olhar tonto de amor
Aos teus pés, oh! flor, se lança!

A. Z. V. Dinho.

LOGOGRIPIO

Um prato não saboroso—8,3,1,4,8
Com a planta preparado—2,7,2,5,6,1
Vim ficar no fim de contas—6,5,2,2,1
Aceppe delicado—3,5,4,5,8

O qual será offertado
A' caran onha primeira—2,5,2,5
Que conseguir por os dentes
No logogripio trincheira—3,8,4,4,*7,4,1

E quando excluir alegre
Mor eu o BICHO, a ab-u-se,
Beba logo, in ontinente
Esta bebida que é doce.

ALTER-EGO

Senhor gratos a gentileza com que
Fomos distinguidos pela ex^{ma}. Fr^a. d.
Anna Nogueira Baptista que nos envi-
ou para publicarmos em nossa modesta
folha um dos brilhantes productos
do seu adamantino estro.

A GRANÉL

AS LINGUAS QUE SE FALAM NA
BELGICA.—Segundo o ultimo recen-
seamento belga, o flamengo é falado
por 2.744:274 belgas, o francez por
2.482:072, e o allemão por 32:206.

Falando o francez e o flamengo ha

Sortes para a noite
de s. Pedro

DEDICADAS AS GENTIS LEITORAS DO AL-
BUM, POR ADOLFO MEBRAMART

—101—

2

Por ideares menina
De accordo com tua fina,
Um chalet do madressilva;
Casaras'inda este mez
Com um bom rapaz d'alva tez:
—Americo Lopes Silva.

3

Menina queres saber:
Um consorelo has de fazer
Com um rapazito esperto,
Que a mais de um anno to ama
E. (em segredo)—se chania,
O cabirinho Adalberto.

4

Teu noivo saber pretendo,
Por sempre andares dizendo:
«Em fêbre de amor en ardol»
E declaro em grande berro,
Pois repare hem, se erro:
—E' o grande Zé Gotardo!

700:997 belgas: francez e allemão 58:
590, e as tres linguas 38:185.

COHERENCIA.—Em um comleio do li-
vres pensadores, um toma a palavra e
começa por fazer a seguinte *profição*
de fé:—Meus senhores! Graças a Deus,
sou atheu!

Este ao menos era coerente.

REQUERIMENTO CURIOSO.—Diz um
côração amante, nascido no lugar do
tormento termo da villa da afflicção,
freguezia dos martyrios. bispado do
districto do desg sto, residente na ci-
dade de penas, que passando o sup-
plicante pela rua dos mysterios encon-
trou-se com a ronda de seus olhos,
sendo prezo à ordem de seus affectos,
achando-se recolhido á cadeia de sua
ausencia, carregado com os duros e pe-
sados grilhões de seu amor, o suppli-
cante vem perante sua alta belleza re-
querer que o faça soltar do tyranno
degreo de sua ingratitude pelo que pe-
de a V. Ex. se digno chamal-o a sa-
la livre de seu peito, affim de ser in-
terrogado e confessar o crime de a-
mal-a eternamente.

Des pachos:

Lastimando seriamente tal aconte-
cimento seja posto o supplicante em
liberdade, devendo consolar-se com o
presente despacho: e é necessario ter
muito cautella em não encontrar-se com
a ronda de seus olhos, para não ter a
desventura de que pode ser victima.

Aos intelligentes e habéis typogra-
phos, Aristoteles Costa, Theophilo dos
Anjos, Francisco de Canindé, Alvaro
Mattos, Cezar Augusto, Manoel B. de
Mello e Diogenes Augusto, agradece-
mos o desinteressado auxilio que pres-
taram na composição e impressão do
1.º numero do nosso periodico.

5

Minha beldade querida
Se passas assim a vida
Sempre contente, brincando,
Por um'arte do demonio
Contrahirás matrimonio
Com o calouro Hildebrandol

6

Nas ruas desta cidade,
Minha *soncinha* deldade,
Aprumaste uma esparrella;
E tanto a sorte choraste
A'é que afinal pegaste,
Um namoro com Varella.

7

Teu noivo será um moço
Que tem um grosso pe-coço,
Olhares do enorme brilho...
E' enfim um rapaz nobre
Que do Gremio guarda o cobre:
—Odilon Garcia Filho.

8

Não é por ser máu, garanto,
O grande infantil espanto
Que fazes a tal menino...
Pois teu noivo—*arte do cão*,
Há de ser, queiras ou não,
O poeta Cyrilino...

EULALIA

Que alegria manife-
tava-se naquella
pequena rua... Quem seria a cau-
sa de tão expontanea emoção de con-
tamento?...

—E' que Eulalia a graciosa e elegan-
te namorada das flores, ia experimen-
tar os doces laços do *hymnio*; e que
a encantadora filha das campinas, a
predilecta dos poetas, ia desposar o
jovem Orlando, o eleito de sua alma, o
possuidor das chaves do seu coração.

Momentos depois avistava-se a pro-
cederão sublime do noivado! Ella vesti-
da de branco, synthetizava a imagem
da felicidade; elle representava a es-
tátua do contentamento. Era a volta
da Igreja.

No dia seguinte, aquella mesma rua
completamente dezerta, as casas de
cujas janellas debruçavam-se no dia
anterior, contem de pessoas para pre-
senciarem sorridentes o cortejo do no-
ivado de Eulalia, conservavam suas ge-
losias cerradas... Que triste transfor-
mação aquellal As cortinas diaphanas
côr da aurora da casa de Orlando, es-
tavam da côr horripilenta de uma noi-
te madida de hyverno. No centro da
rua um estreito esquivo guardava com
um escrutinio ranto, o corpinho
fransino de Eulalia, enquanto lá num
canto, via-se num pequeno *divan* um
vulto macilento, com os cabellos des-
grenhados, occultando o rosto entre
as mãos. Era Orlando immovel n'um
acesso de loucural Que mudança mo-
mentanea: a imagem da felicidade
transformava-se em irmã privilegia-
da dos anjos e a estatua do contenta-
mento na effigie tristissima da dor.

Ella sorria adormecida de amores...
Elle entrestecia morrendo de dor!...

ADOLFO MEBRAMART

9

Por seres meiga e fransina,
A tua sorte menina
'Inda vagueia nos ares...
Para longe estendes as azas,
Porem supponho que casaras
Com o moço Cyro Tavares.

10

N'um tempo de namorados,
Por tezes te conservado
Uma creança constante;
Para o Gremio a vista fito,
Te arranjo um noivo bonito:
—Casaras com Cavallante.

11

Por sempre andares creança
Brincando com tua trança,
Phantasiando um castello...
Eu quero ler tua mão:
—Teu noivo está no sertão,
E' o Virgilio de Mello.

12

O teu futuro marido,
E' um moço tão querido,
D'uns olhares de santelmo...
E' elle tão engraçado
Que já foi appellidado
Do pequeno Zé Atselmo.